

A DESCRIÇÃO FONÉTICA NA *GRAMMATICA DA LINGUAGEM PORTUGUESA* (1536) DE FERNÃO DE OLIVEIRA

Luiz Carlos CAGLIARI¹

- **RESUMO:** A *Grammatica da Lingoagem Portuguesa de Fernão de Oliveira (1507-1582?)* é a primeira gramática da Língua Portuguesa, publicada em 1536. Como outras obras, dedica-se à fonética, à ortografia e à formação de palavras. É uma obra de grande valor lingüístico pela competência descritiva de seu autor e pelos comentários que faz a fatos da linguagem. De todos os aspectos que impressionam o lingüista de hoje, e são muitos, a descrição fonética é a mais brilhante, a mais completa e a mais detalhada. Pelo rigor de sua descrição fonética, é possível saber com segurança muitos traços da pronúncia de sua época, quer do ponto de vista segmental quer do prosódico.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Fonética. Fernão de Oliveira. História da língua portuguesa.

Introdução

Os sons da fala são de fácil reconhecimento pelos falantes nativos². Se alguém erra na pronúncia, isso é logo percebido. Entretanto, não é fácil para os falantes nativos explicarem porque uma pronúncia está certa e outra não. Por outro lado, o lingüista precisa prestar atenção a detalhes, precisa comparar, ver semelhanças e diferenças e, ao fazer isto, pode entrar em choque com a intuição do falante nativo. Tal situação não é contraditória, mas revela pontos de vistas diferentes de ver a linguagem. Um lingüista pode achar que o falante nativo nasalizou a última vogal da palavra *cama*, mas não nasalizou a primeira. Com um pouco de conhecimento gramatical, o falante vai achar que foi o contrário. O lingüista vai ao laboratório de fonética, grava e prova que ele, lingüista, estava certo e que o falante nativo estava usando uma intuição fonológica e não descrevendo um fato fonético. Como os antigos não dispunham dos recursos instrumentais que temos hoje, suas descrições fonéticas tinham que ser feitas a partir de observações atentas de como as pessoas falavam. Nesse sentido, predomina mais a intuição do falante, mas isso não significa que o lingüista antigo não tenha podido fazer uma descrição fonética correta e detalhada. Ao estudar a fonética antiga da língua, a escolha da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (GLP)³ de Fernão de Oliveira

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Lingüística. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - cagliari@fclar.unesp.br

² Este trabalho contou com a ajuda de uma bolsa PQ do CNPq – Processo: 306492/2006-7.

³ No texto: GLP é *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*; FO é Fernão de Oliveira; LP é Língua Portuguesa. O texto da GLP está em Oliveira (1536). Torres e Assunção (2000) trazem o texto em edição crítica, semidiplomática

(FO)⁴ não ocorreu por acaso. Além de ser a gramática mais antiga, em data de publicação, é também uma das melhores da história da Língua Portuguesa (LP). O crédito ao autor e à sua obra vem da própria história da língua. Na GLP, pode-se ver a cada passagem a mente e a mão de um engenheiro metuculoso, aqui, com questões de linguagem⁵.

Na GLP, fica bastante evidente que FO tinha como preocupação principal “arrumar” a ortografia vigente em sua época. No século XVI, ainda existiam em uso muitos documentos escritos com ortografias antigas, bem como livros e documentos novos, escritos com ortografias variáveis, não havendo, portanto, um padrão único. Todavia, Portugal era um grande país e, além das naus e dos descobrimentos, queria ser um país de cultura. Nesse sentido, as publicações precisavam revelar a cultura do povo e uma ortografia com menos variantes, mais elaborada e unificada, poderia ser um traço importante desse desenvolvimento cultural. Diante de tudo o que ouvira, de norte ao sul do país e de tudo o que lia nos muitos documentos e livros a que tinha acesso, vivendo no convento dos dominicanos em Évora, FO tinha claro para si que somente uma boa descrição fonética seria capaz de gerar um sistema ortográfico melhor. Nesse sentido, pode-se afirmar que sua descrição fonética tinha como objetivo dar um suporte científico ao modelo ortográfico que iria propor. Por causa dessa exigência básica, sua descrição fonética tinha que ser a mais perfeita possível. Na GLP, a descrição fonética e a indicação ortográfica andam sempre juntas. No presente trabalho, serão focadas apenas algumas questões fonéticas.

Uma descrição fonética do português do século XVI

Logo no prólogo (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.164 / 3), FO diz que apresenta “[...] a notação em alghũas cousas do falar: Portugues [...]” continuando: “[...] falar é pronunciar o que entendemos [...]” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.165 / 4) e pronunciar é ação da língua e da boca. Alguns falam com perfeição e outros com vozes “ceciosas, outras tartaras”⁶. Continuando a observar a boca, nota que pode estar seca ou úmida e que pode ter dentes grandes ou desviados. E continua: “[...] e tambem muitos falã muito mal: so com mao costume não mais.” (TORRES;

e anastática (fac-similada). Nas citações, as referências a páginas são apresentadas com o primeiro número indicando a página na edição de 2000 e o segundo número indicando a página na edição original de 1536.

⁴ Fernão de Oliveira nasceu em Aveiro em 1507 e faleceu pouco depois de 1582. Foi dominicano na juventude. Exerceu funções ligadas à navegação e ao ensino. Foi preceptor dos filhos do gramático João de Barros. Escreveu vários tratados, inclusive um intitulado *O livro da fábrica das naus* (1580).

⁵ Eugênio Coseriu (2000, p.60), depois de resenhar a GLP, disse: “Em conclusão, podemos afirmar, creio, que Oliveira merece um lugar de considerável destaque na história da lingüística românica e na lingüística geral. Ele é, depois de Nebrija, um dos gramáticos mais originais, em certo sentido o mais original, e, antes de Rhys e de G. Bartoli, o mais importante foneticista da Renascença na România.”

⁶ A palavra *tartaras* refere-se a uma fala gaguejada. O termo *ceciosas* refere-se ao “ceceo”, ou seja, a uma pronúncia interdental, típica da pronúncia de um certo tipo de fricativas [θ ð].

ASSUNÇÃO, 2000, p.165 / 4). Além das restrições individuais, aponta também para restrições fonéticas geradas pelas línguas, e diz:

E e muito de culpar este defeyto das calidades serem diuersas: nas quaes tem dominio as condições do çeo e terra em que viuem os homẽs vem que hũas gentes formão suas vozes mays no papo como caldeus e arabigos/e outras nações cortão vozes apssandosse mays em seu falar: mas nos falamos com grande repouso como homẽs assentados (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.166 / 5).

A qualidade vocálica é assinalada, mostrando a fala faringal típica do árabe (LADEFOGED; MADDISON, 1996). Com relação ao ritmo, refere-se a uma observação de quem está diante de uma língua estrangeira. Neste caso, é comum os falantes acharem que, na língua estrangeira, as pessoas falam mais rápido, o que é uma ilusão. A observação de FO tem sido usada para mostrar que o ritmo (andamento) do português daquela época era mais devagar, talvez silábico, e que, depois, se acelerou e se tornou acentual. Essa é claramente uma interpretação falsa.

FO acha importante dizer que para se aprender português não é preciso recorrer ao latim, mas é importante conhecer como as pessoas antigas falavam. Esse conhecimento está na gramática: “E pois gramatica e arte q̃ ensina a bem ler e falar: saybamos quem primeiro a ensinou e onde e como: porq̃ tambẽ agora a possamos vsar na nossa antigua e nobre lingua.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.169 / 8). A referência à leitura e não à escrita mostra a importância que ele dava à fala. Mas a escrita também precisa de cuidados: “[...] se mudão as vozes e com ellas e tambem neçessario q̃ se mudẽ as letras: mas não com tão pouco respeito como agora algũs fazẽ: [...]” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.172 / 11).

Para a observação e descrição fonética é preciso examinar o que acontece dentro da boca. Ele diz:

Examinemos a melodia da nossa lĩgua e essa guardemos como fezerão outras gẽtes: e isto desdas mais peq̃nas partes tomando todas as vozes e cada hũa por si e vendo em ellas quantos diuersos mouimentos faz aboca cõ tambẽ diuersidade do som e em q̃ parte da boca se faz cada mouimento porq̃ nisto se pode discutir mais destintamente o proprio de cada lingua. (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.172-173 / 11-12)⁷.

A classificação das vogais (vozes) em *grandes* e *pequenas* é inspirada no modelo grego de vogais longas e breves. Em português, em vez da duração, o que distingue essas vogais é o timbre. Essa descrição vem desde a GLP (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.173 / 12). Como FO atribui um *a* pequeno à sílaba tônica nasal

⁷ Nesta citação, FO refere-se a um fenômeno fonético que definimos como setting (LAVER, 1994).

de *alemanha*, além das outras ocorrências do *a* nesta palavra, fica difícil comparar esses *as*: certamente, a vogal tônica nasal tem um timbre diferente das vogais tônicas orais. O exemplo de *almada* tem *a* grande apenas na vogal tônica ou nas átonas também? Será que na época de FO o *a* diante do *l* soava como uma vogal posterior, como acontece hoje em dia? Será que o autor não colocou esses dois exemplos justamente para mostrar a diferença de timbre do *a* nas vogais tônicas? Esta última hipótese me parece a mais razoável. Neste caso, fica muito claro que o português tinha um *a* mais anterior e baixo e um *a* mais central e meio-alto, como ocorre até hoje. Embora esta última seja típica de sílaba tônica nasal, ocorre também em sílabas átonas e, às vezes, até em sílaba não nasal. O autor diz:

Na nossa língua podemos dividir átes e neçessario q̄ diuidamos as letras vogaes ē grãdes e peq̄nas como os gregos mas nã ja todas porq̄ e verdade q̄ temos a grande e α pequeno: e ε grande e e pequeno: e tambē ω grãde e o pequeno. Mas nã temos assi diuersidade ē .i. nem .v. Temos a grãde como almada e α pequeno como alemanha: temos ε grande como festa e e pequeno como festo: e temos o grande como fermosos e o pequeno como fermoso. E conhecendo esta verdade auemos de cõfessar q̄ temos oytto vogaes na nossa língua mas nã temos mais de çinco figuras [...]
(TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.173 / 12).

Continuando com o problema, FO sugere uma transcrição fonética especial para as vogais grandes (abertas) *α ε ω*, fato que não é passado à ortografia. A necessidade da transcrição fonética é justificada com base em uma regra de atribuição de acento (no caso do português), derivada de uma regra latina. FO diz:

E isto porq̄ nos não podemos saluar cõ os latinicos dizendo q̄ a consoãte e letras q̄ vão a diante fazem grande ou peq̄na a letra vogal q̄ fica: mas vemos q̄ cõ hũas mesmas letras soa hũa vogal grande as vezes e as vezes pequena: segundo o costume quis e nã mays. (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.174 / 13).

FO reconhece que há várias razões para dividir as consoantes em mudas e semivogais em qualquer língua. A explicação que ele escolhe é bem própria do português, língua que não admite consoantes oclusivas, nem fricativas (exceto alofones de /S/ ou de /R/)⁸ travando sílaba. Pela mesma razão, exclui as nasais das semivogais, porque em posição de coda, apenas indicam a nasalização da vogal anterior. As semivogais são, pois, L, R, S e Z. As surdas são: B, C, D, F, G, M, N, P, Q, T, X.

Em termos de ortografia, FO diz que a LP usa 34 caracteres; além das letras acima, acrescenta as seguintes: Ç, J, RR, SS, V, Y, CH, LH, NH. As letras H e til

⁸ Em português, alofones de /S/ são [s, z, ʃ, ʒ] e alofones fricativos de /R/ são [x, h] (CAGLIARI, 2002).

não têm som próprio e servem apenas à ortografia: “[...] o que mostra não ter ella virtude muy propria: mastodauiva he necessaria.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.175 / 14).

O autor chama a atenção para três fatos importantes: 1) é preciso saber reconhecer na escrita a pronúncia, porque a troca de letras pode afetar o significado; 2) Existe um modo mais aceitável de ler, isto é, de pronunciar o que está escrito, que constitui a “arte” da língua, ou seja, o dialeto padrão; 3) entre o povo encontram-se pronúncias diferentes do padrão (“arte”) da gramática. O objetivo de escolha do padrão tem a ver com o objetivo de formar um sistema ortográfico melhor e mais fácil. Obviamente, o de que a ortografia menos gosta é da variação.

Vogais e Consoantes

Em seguida, a GLP passa a descrever a pronúncia de cada uma das letras e seus respectivos sons e o autor o faz com grande rigor fonético. No capítulo 12, descreve a pronúncia das vogais. No capítulo seguinte, descreve as consoantes. FO usa os seguintes parâmetros: 1) mandíbula (abertura da boca); 2) canal bucal ou configuração dentro da boca; 3) característica aerodinâmica (espírito); 4) visão dos dentes; 5) formato dos lábios (beijos); 6) posição da língua; 7) gengivas internas; 8) extensão do movimento articulatorio dentro da boca. De fato, não é fácil descrever as articulações das vogais. Todavia, alguns parâmetros são mais salientes no caso de algumas vogais do que no de outras. As descrições articulatorias são perfeitas e claras. Por exemplo, ao descrever o som da vogal [u], diz: “[...] aperta as queixadas e prega os beijos não deixando antreles mais q̃ so hũ canudo por ôde sae hũm som escuro o qual he a sua voz.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.177 / 16). Ao descrever os dois Rs, compara-os e mostra que o R brando (singelo) é semelhante ao [l]:

Pronũciase o .r. singelo cõ a lingoa pegada nos dẽtes q̃yxaes de çima e sae o bafo tremendo na põta da lingua. Do .rr. dobrado a pronũciação e a mesma q̃ a do .r. singelo se não q̃ este dobrado arranha mays as gẽgibas de çima: e o singelo não treme tâto: mas tâ mala vez he semelhãte ao .l. (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.179 / 18).

Uma questão intrigante do Português antigo é saber se havia ou não fricativas dentais. Não fica claro na GLP se, naquela época, havia tal pronúncia, porque o autor atribui esse modo de falar aos espanhóis. A ortografia da GLP, neste caso, é confusa. Porém, FO descreve a pronúncia de Z e de Ç como sendo fricativas dentais. Ele diz: “A pronũciação do .z. zine antros dentes çerrados com lingua chegada a elles e os beyços apartados hũ do outro: e e nossa propria esta letra.”

(TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.179 / 18). E a respeito do Ç, diz: “[...] tẽ a mesma pnũçiação ç̣ .z. se não que aperta mais a lingoa nos dentes.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.179 / 18).

Ao comentar sobre o J, consoante palatal, observa que não é uma consoante “enxuta” como a semivogal (y), mas aparece com uma “mistura de cospinho”, revelando o grau de detalhamento de sua descrição. Por outro lado, as palatais são descritas como articulação secundária às quais foi acrescido um “som aspirado”, razão pela qual se escrevem com os dígrafos CH, LH, NH. Essa aspiração do Português é diferente da que ocorre em outras línguas; daí a dificuldade de a ortografia revelar como se pronunciam esses sons; porém, “[...] os ões sabidos são sabidas as pronũçiações.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.183 / 22).

FO mostra no comentário a seguir que prestava muita atenção aos timbres vocálicos, fazendo uma observação muito correta, segundo a qual a vogal [u], em português, soa com um valor muito próximo da vogal cardeal 8 (ABERCROMBIE, 1967), em sílaba tônica, distinguindo-se auditivamente da vogal [ʊ] que ocorre geralmente em contextos átonos e, principalmente, em ditongos. Como o autor só tinha uma *figura* (letra) U, mas conhecida a variação entre [u, o], a opção de escrever o [ʊ] com a *figura* O era uma boa solução. Ao fenômeno de variação de timbre, como em outros casos, atribui ao elemento mais baixo o nome de líquida, seguindo, no caso das vogais, uma regra de abaixamento vocálico. Ele diz:

Algũas letras se fazem liquidas. Quer dizer liquido aqui brando/ou diminuido de sua força das vogaes nos fazemos .u. liquido alghũs vezes despoys de .g. e .q. como quando: e lingua mas se o meu sentir he açertado eu sinto nos taes lugares .o. pequeno e não já .u. e assi o escreueria se me atreuesse desta maneyra lingoa. qoando. porque assi me soa a mi nas minhas orelhas [...] (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.181 / 20).

Na classificação das consoantes, algumas são líquidas. O U e o Y que formam ditongos são consoantes líquidas. O L e o R também o são. O autor observa que se houver duas consoantes contíguas (no onset) a primeira precisa ser muda (obstruinte) e a segunda precisa ser líquida e nunca ocorrem duas líquidas de mesmo timbre em seqüência, sendo possível duas iguais: LL e RR.

A observação da nasalidade, em vários momentos, é muito clara e perfeita, embora o autor reconheça a grande dificuldade em descrevê-la: “[...] onde otil faz alghũa cousa e tem poder alghũ: o qual sitem as orelhas: mas a boca o acha tão sutil tomãdoo por soo que o não sabe formar.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.183 / 22). A oposição oral / nasal vem descrita como voz clara / escura. O termo *escura* refere-se a uma pronúncia centralizada da vogal nasal em português.

[...] o til nas vogaes quando tambẽ mudãõ sua voz: digo **q̃** mudãõ a voz por**q̃** não he a mesma voz vila e vilã: mas o til **q̃** lhe posemos muda a calidade do .a. d'claravoz em escura e meteo mais pelos narizes [...]
(TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.183 / 22).

Um foneticista é essencialmente um experimentador, um observador que compara sons para ver suas igualdades e diferenças. É por isso que, nos momentos de dúvida ou de contestação, FO apela para sua “experiência” com os sons da língua: “[...] por**q̃** as gẽtes da europa falãõ todas cos beijos dẽtes e põta da lingua cõ a **q̃l** pôdoa em diuersas partes da boca formãõ diuersas letras [...]” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.184 / 23). Como observador, diz que o português não tem “sons aspirados” como outras línguas:

[...] cõ os **q̃es** [gramáticos como Aulo Gelio] nẽ eu **q̃ro** dar mais valia ao costume de muitos grãmaticos: nẽ quero deixar a experiẽcia **q̃** me mostra não auer aspiração nestas terras: se não se elles chamãõ aspiração a qual**q̃r** spirito: o **q̃l** todas as letras tẽ ou pouco ou muito e hũas são diferentes das outras **ẽ** diminuyção/acreçẽtameto ou **q̃lq̃r** mudãça d'spirito. (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.184 / 23).

Um caso de variação que vem, sem dúvida alguma, desde o português medieval é o das vogais altas e meio-altas [i - i- e] e [u - u- o]. FO sentia bem o problema e assim se referiu a ele: “[...] das vogaes antre u e o pequeno ha tanta vezinhença **q̃** quasi nos confundimos dizendo hũs somir e outros sumir: e dormir ou durmir/e bolir ou bulir e outras partes semelhantes. E outro tanto antre .i. e .e. pequeno como memoria ou memorea/ gloria: ou glorea [...]” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.186 / 25).

Dependendo do contexto morfológico, na LP, ocorrem algumas variantes entre as vogais “.o. e .**o**. .e. e .e. a. e .**a**. E assi outras como fermoso e fermosos e fermosa/ e alegre e alegria **a**marão e **a**marão.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.186 / 25). Nestas observações, certamente FO diria a palavra *fermosa* com o grande “**o**”, embora tenha escrito com O. A presença da vogal central “**a**” oral nas palavras *alegre* e *amarão* mostra uma pronúncia que iria ficar típica de Portugal, mas que não entraria na fala dos brasileiros. Nesses contextos, nós falamos a vogal [a] e não [ɐ] ou mesmo [ə], como ocorre hoje em Portugal.⁹ No par “**a**marão e **a**marão”, estamos diante da oposição entre sílaba átona e sílaba tônica: a primeira refere-se à terceira pessoa do plural do pretérito perfeito e a segunda palavra refere-se ao futuro. Na segunda palavra, como a sílaba tônica cai na terceira sílaba da palavra,

⁹ Existe um costume estranho entre alguns que anotam a sílaba átona usando um símbolo diferente que usam para a sílaba tônica, principalmente, no caso da vogal baixa, dando a entender que nesses contextos ocorre, de fato, uma vogal centralizada, o que é falso em relação ao português do Brasil. Obviamente, em pronúncias muito rápidas, não só esse segmento mas todos podem sofrer algum tipo de modificação. Neste caso, a tendência à centralização das vogais é um caso típico (talvez em todas as línguas e, certamente, nas línguas de ritmo acentual, como o português, o inglês, etc.).

a primeira sílaba recebe uma ênfase especial que torna a primeira vogal da palavra mais baixa e anterior, contrastando com a primeira vogal da primeira palavra do par que é anotada como átona¹⁰.

A GLP traz também alguns casos de contração de consoantes e vogais em juntura de palavras. Os exemplos falam por si, mostrando diferenças de pronúncia notadas pelo autor: “[...] amaranho seu d’s/ por amirão o seu d’s: no amor de d’s por em o amor de d’s: pollo conselho de meus amigos/ em lugar de por o conselho de meus amigos. Pula mão/ por pus a mão.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.186 / 25).

A sílaba

A exposição acima mostra claramente que, desde muito tempo, os foneticistas usam parâmetros semelhantes para descrever os sons da fala. Além dos parâmetros descritivos da produção dos segmentos, é importante considerar os contextos em que esses segmentos ocorrem, sendo o mais importante deles a sílaba. Por isso, a GLP passa, em seguida, a estudar os sons nas sílabas. Começa definindo sílaba: “Syllaba dizẽ os grãmaticos e vocabulo grego e quer dizer ajütamêto de letras” e, logo adiante, melhora a definição dizendo: “podemos dizer q̃ syllaba he hũa so voz formada cõ letra ou letras” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.187 / 26)¹¹.

O estudo das sílabas começa com os ditongos que vêm explicados corretamente. Na GLP, há apenas ditongos decrescentes (com a semivogal depois da vogal e apenas com as semivogais I e U). Todos os outros casos são de hiato, como em “duas, rua, maria, memorea, glorea”, etc., com exceção dos ditongos crescentes que se formam depois de oclusiva velar [k, g] seguida de [u]+ vogal. FO apresenta os seguintes ditongos, com exemplos (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.187 / 26):

¹⁰ Alguém pode achar que se trata de um erro tipográfico, mas, muito provavelmente, trata-se de uma observação atenta de FO.

¹¹ A noção de sílaba não tem sido muito bem entendida por alguns estudiosos, havendo mesmo quem negue sua existência. Entretanto, a idéia de *uma só voz* ou “pulso torácico” (ABERCROMBIE, 1967, p.35-36) como correlato aerodinâmico é correto e define melhor o que é uma sílaba no processo de produção da fala.

ae (tomae)	ãe (pães)	ao (pao)	ão (pão)	ây (mây)
ei (tomei)	eo (çeo)	eo (d's)	eu (meu)	
io (fugio)				
oe (soe)	oi (caracois)	õe (põe)	oi (boi)	ou (dou)
ui (fuy)				

Na lista de FO não aparece um ditongo “ou” (por exemplo, em *bom, som*). A ortografia, certamente, escondeu esse fato. Ele distingue ditongos orais e ditongos nasais e para confirmar essa diferença diz:

E nos aq̃i vemos e sentimos co as orelhas q̃ soa li hũ til sobre ambas as letras vogaes do ditongo: como escriuão escriuães: o qual co a boca e beijos muy soltos tambẽ soa na mesma forma em todas as syllabas em cujos cabos nos escreuemos .m. ou .n. errando cõ o costume: porq̃ asletras mudas de cujo numero são .m. e .n. ãtre nos nũca dão fim a dição alghũa nẽ syllaba: e isto a esperiençia e propriadade das nossas vozes no lo ensinão [...] (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.188 / 27).

A citação acima diz claramente que a LP não trava sílaba com consoante nasal, embora a ortografia possa dar a entender tal coisa¹². A observação de FO é pertinente em termos fonológicos mas, foneticamente, há ocorrências de nasais em posição de coda, não só dentro como também em final de palavras: [tẽmbeĩ, tẽmbeĩŋ] (*também*); [lẽ, lẽŋ] (*lã*). São sempre casos de assimilação ou com a consoante oclusiva seguinte ou com a vogal anterior (CAGLIARI, 2007). Algumas variedades usam mais as nasais em posição de coda e outras as usam menos.

FO mostra que a LP só usa sons contínuos no final de sílabas: “As nossas vozes acabão sempre em voz perfeita e desimpedida o q̃ não cõsintẽ as letras mudas.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.188 / 27). Em posição de onset, a LP aceita qualquer consoante, mas “antes de letra liquida estara sempre letra muda” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.189 / 28). Resume a estrutura fonotática da sílaba: “[...] as mays letras q̃ se ajuntão em hũa syllaba são quatro / a primeyra muda: e a segunda liquida e a terçeyra vogal ou ditongo: e a quarta semi vogal ou til.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.189 / 28). Assim, a LP pode ter sílaba com quatro, três, dois ou apenas um segmento fonético. Embora se escrevesse comumente na época de FO palavras começando por S, ele adverte quanto à pronúncia dizendo: “E assi tambẽ as nossas syllabas nunca se começoẽ ã duas letras de diuersa natureza como sperãça: mas sempre lhe daremos nos começoes das taes vozes hũa

¹² O latim, modelo para o português, não escrevia vogais nem ditongos nasais, os ortógrafos portugueses tiveram grandes dificuldades em encontrar uma solução simples e elegante. A melhor delas talvez seja a de colocar o til somente na primeira vogal, como fazemos desde a GLP.

vogal *q̃* soe coa primeira letra. Como esperãça. Estrado.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.190 / 29). Com relação às letras duplicadas na ortografia, sejam vogais ou consoantes, o autor diz que valem por uma simples, se estiverem em uma mesma sílaba, como *offiçio*, *peccado*, etc.

Em juntura intervocabular (sândi), a GLP diz que se as vogais do encontro em fronteira de palavras forem iguais elas se fundem em uma só: *de escrever* fica *d'screuer*, *estaua assi* fica *estauassi*, *comos latinos* por *como os latinos*. Se as vogais forem diferentes, a primeira perde-se e fica a segunda, como em *mesturãsbas* por *mesturãse abas*, *comeste* por *como este*. Tal regra é facultativa e o autor comenta: “Ainda porẽ *q̃* as vezes ficão *ãbas* *ẽteyras* mayormẽte se são diuersas como acaba *ẽ* a vogal; e começa a segũda.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.191 / 30). No caso dos pronomes oblíquos, a transformação que ocorre na juntura também é mencionada pela GLP: *por o* fica *polo*, *em o* fica *no*, *fezerão o* fica *fezerãno* (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.191 / 30); *mudamos o* fica *mudamolo*, *amays o vosso deos* fica *amaylo vosso deos* (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.192 / 31). A razão pela qual a língua faz essas transformações em juntura, segundo o autor, é para “melhor melodia”. FO sempre prestava atenção ao modo como as pessoas falavam e anotava o que encontrava. A seguinte observação é curiosa:

Como neste vocabolo conuem a saber: Ao qual podemos diuidir e dizer: Como vem a saber: Porque assi o ouui pronũciar poucos dias ha no pulpito ao muyto reuerendo padre mestre Baltasar da ordem do Carmo: cuja lingua eu não tenho em pouco antros portugueses (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.192 / 31).

Ao tratar da quantidade das sílabas e segmentos, FO diz logo de início que o português é diferente do latim e que as restrições rítmicas advêm dos processos de articulação e de como as letras se juntam em sílabas. A regra de tonicidade, portanto, é marcada pelo timbre das vogais e a duração, pela composição da sílaba. As vogais “grandes” gastam mais tempo do que as vogais “pequenas”, querendo isto dizer que as vogais tônicas são mais longas do que as vogais átonas.

A quantidade das syllbas da nossa lingua e muy façil de conhecer: porque as vogaes em si dão çertta voz destinta as grandes das pequenas e as pequenas das grandes: com tudo as grandes podem gastar mais ou menos tempo hũas que outras: e as pequenas outro tanto antre si segundo as consoantes que se seguem a diante as quaes tambem ajudam acreçentar ou demenuyr nas vozes. Porque de neçessidade mais tempo gastão duas consoantes que hũa: as quaes tambem tem espirito e ajudam a soar e ter voz: mays tempo tem esta letra vogal .a grande. em gasto. que em gato. e mais tem esta letra .e. *ẽ* presto *q̃* em perto e não mais que por as mais consoantes *q̃* trazem por cuja consideração os latinos julgão a quãtidade de todas as suas syllabas por*q̃* as vogaes antrelles

não tẽ diferença como antre nos e os gregos. (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.192-193 / 31-32).

A GLP indica o que é uma sílaba última, penúltima e antepenúltima e acrescenta onde podem cair as sílabas tônicas: “[...] em hũa qualquer destas se pode assentar o açeto das dições da nossa lingua.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.195 / 34). “[...] daqui para tras o nosso espirito nem orelhas não consintem auer açento [...]” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.196 / 35). Ainda no capítulo 28, ele fala do acento com detalhes. A palavra *dição* na GLP significa, em geral, *enunciado* e, mais comumente nas análises, significa *vocabulo*. A GLP define acento:

Acêto quer dizer principal voz. ou tom dadição o ql acaba de dar sua forma e melodia as dições de qualquer lingua/ digo as dições somête porque a lingajem ainda no ajuntamento das dições e no estilo e modo de proceder tem suas particularidades ou ppriedades: como a seu tẽpo em outra obra mayor q desta materea espero de fazer [...] (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.195 / 34)¹³.

Com relação aos pronomes oblíquos, FO diz que os latinos diziam que essas palavras “enclíticas” “pronúnciao de baixo de hũ açento coa diçã precedente” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.196 / 35)¹⁴. Porém, ele tem outra opinião para o português: “[...] mas a my ocõtrairo me parece.” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.196 / 35).

No capítulo 29, o autor procura estabelecer regras de atribuição de acento às palavras do português. Por exemplo, diz que o acento cai na última sílaba se a palavra acabar em consoante R, Z, L, S ou til, vogal grande e ditongo, mesmo seguido de S, exceto alguns verbos: *alçaçer*, *rapaz*, *azul*, *retros*, *çidadão*, *çidadã*, *amei*, *amareis*, *amarão* (futuro); *aluara*, *eyxω*, *chaminε*, *guadmeçi*, *peru*. A palavra *alçaçer*, que significa *castelo* é paroxítona, mas muitos acrescentam uma vogal paragógica, tomando a palavra paroxítona: *alçacere*¹⁵. Desde a GLP, os lingüistas encontraram grande dificuldade para a formalização de regras de atribuição de acento, havendo sempre muitas exceções. De um modo geral, as regras da GLP baseiam-se no fato de os falantes saberem onde ocorrem vogais “grandes” e “pequenas”, o que significa também vogais “tônicas” e “átônicas”. Esse círculo vicioso é minimizado com a análise de muitos fatos, de onde se conclui que a tonicidade se reduz a certas tendências (paroxítonas, separar nomes de verbos) ou a conhecimentos específicos, baseados nos conhecimentos que o falante tem de sua língua. A seguinte passagem: “[...] este nome ã não he nosso proprio:

¹³ Provavelmente, FO iria tratar da prosódia, aliás, como disse que faria Nebrija em sua *Gramática Castelhana* e, como FO, nunca produziu tal obra, pelo que sabemos.

¹⁴ Certamente, a letra ε é erro de tipografia, assim como a grafia *diçã* em lugar de *dição*.

¹⁵ Essa observação revela que, na época da GLP, a paragoge era um fenômeno comum, mostrando a tendência da LP a ter palavras paroxítonas, preferencialmente.

vltimo e vltima e assi se se tirarẽ outros não serão nossos comeste [...]” (TORRES; ASSUNÇÃO, 2000, p.198 / 37), dá a entender que, para FO, as proparoxítonas vieram tardiamente do latim e são mais latim do que português.

Conclusão

A GLP é uma obra pioneira, mas é, sobretudo, uma gramática de grande importância para a história da LP. Pela sua riqueza de informações, a melhor conclusão que se pode tirar de uma apresentação sucinta como a feita aqui é dizer para o leitor que leia integralmente essa gramática.

CAGLIARI, L. C. The phonetic description in the *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (1536) by Fernão de Oliveira. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, p.565-577, 2008.

- **ABSTRACT:** The *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* by Fernão de Oliveira (1507-1582?) represents the first published grammar of Portuguese (1536). Like other similar grammars, this book focuses on the phonetics, the orthography, and the word formation as main topics. It is an important linguistic contribution to a better understanding of the Portuguese Language in the XVI century. From all the aspects that a modern linguist might be impressed by, the phonetics is the most outstanding, the most complete, and the most detailed study in that grammar. The phonetic description is so accurate that we can be sure that his phonetic description is a reliable work that shows many segmental and prosodic features of the Portuguese Language in his time.
- **KEYWORDS:** Phonetics. Fernão de Oliveira. History of Portuguese language.

Referências

ABERCROMBIE, D. *Elements of general phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. (Coleção idéias sobre a linguagem, 11).

_____. *Elementos de fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

COSERIU, E. Apreciação global do Prof. Eugenio Coseriu. In: TORRES, A.; ASSUNÇÃO, C. *Gramática da Linguagem Portuguesa (1536): edição crítica, semidiplomática e anastática*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2000. p.27-60.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of the World's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

LAVÉ, J. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

OLIVEIRA, F. de *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lixbõa: Germão Galharde, 1536.

TORRES, A.; ASSUNÇÃO, C. *Gramática da linguagem portuguesa (1536)*: edição crítica, semidiplomática e anastática. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 2000.

Recebido em fevereiro de 2008

Aprovado em junho de 2008